

NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

MEMÓRIA

Discurso de instalação da Faculdade de Educação de Feira de Santana, proferido pelo seu então Diretor Dr. José Maria Nunes Marques, em 19 de setembro de 1968, no prédio do Colégio Municipal, onde a Faculdade funcionou durante um semestre. Estiveram presentes, no ato, os primeiros alunos classificados no primeiro vestibular e os primeiros professores que exerceram, inicialmente, o magistério do ensino universitário em Feira de Santana. Publica-se, aqui, na íntegra, o discurso, sofrendo apenas revisão gramatical.

DUAS PALAVRAS

Neste momento, declarando – como declaro – instalados os trabalhos letivos da Faculdade Estadual de Educação de Feira de Santana e iniciado o primeiro semestre do seu Curso de Letras, é com justo regozijo que o faço. Não me abate o ânimo, a circunstância nem as desnecessárias dificuldades que impediram estivéssemos, já há tempo, em pleno exercício da função educativa, em nível superior, e no edifício próprio, com todas as condições devidas e tão antecipadamente indicadas.

O fato de começarmos hoje já é fruto da obstinação e da tenacidade. Uma só hesitação e teríamos perdidos ainda este semestre do ano, para o início tão desejado, e tão fundamentalmente necessário, do ensino superior.

Encontro, porém, na simplicidade deste ato, um augúrio favorável. Sempre acreditei que os trabalhos sérios exigem simplicidade, que as decisões válidas encontram nela ambiente propício, e que a educação, como trabalho permanente, como mútuo condicionamento de conduta, e contínuo aperfeiçoamento de personalidade, na perseguição do homem harmoniosamente formado, capaz de pensar, querer e executar com precisão, é uma tarefa a ser cumprida com humildade.

Mais simples e despojado não poderia ser este ato. Que ele prenuncie um trabalho perseverante – resistente a tudo o que se lhe oponha – até a plena realização do excelente planejamento existente. Nosso funcionamento neste prédio é por pouco tempo. Espero que, até novembro, tenhamos pronto o edifício sede da Faculdade, que será solenemente entregue ao povo feirense. Aqui, no entanto, são precárias, e em parte, apenas as condições materiais. O trabalho educativo será realizado, objetivando alcançar os padrões predeterminados, em todos os seus aspectos, no mais breve espaço de tempo, encontrando garantia disto na dedicação e no interesse do professorado, no entrosamento entre os vários setores do curso, no entrosamento ainda entre mestres, alunos e administradores, no esforço por dotar a Faculdade de tudo o que for necessário ou útil ao seu aperfeiçoamento.

E já começamos. Não desistiremos. Da Faculdade deverá surgir o ambiente de cultura, de pesquisa e disciplina da inteligência, de que tanto carece Feira de Santana. Será o núcleo a partir do qual outras unidades virão, delineando-se, no futuro, a Universidade. É indispensável criar-se um clima de trabalho intelectual, atuante. Educar e formar professores. Mas, a partir de certo nível, educar e formar pessoal para educar, exige a criação de condições ambientes favoráveis. E esta é uma parte fundamental na tarefa da Faculdade de Educação de Feira. – Ser o campo de motivação e de cultura para uma nova comunidade, maior, mais esclarecida, mais responsável pelos seus destinos.

Que os nossos professores, ensinando, e os nossos estudantes, – muitos mestres que retornam ao estudo sistemático, – alunos, aqui buscando o aperfeiçoamento, mestres em outras casas, trabalhando juntos na tarefa comum, compenetrarem-se do dever que lhes cabe, atentos a lição de Anísio Teixeira: “Por meio da experiência já adquirida da humanidade, deve o educador traçar o roteiro do desenvolvimento individual, dirigir o seu curso, corrigir os seus desvios, acelerar a sua marcha, assistir, enfim, em todos os passos a obra da educação, de que é o guarda e o responsável”.

Nós nos decidimos a assumir a responsabilidade. E não desistiremos. Estas são as palavras de boas-vindas aos estudantes. Que a nossa convivência seja feliz e a todos proveitosa.

A Faculdade Estadual de Educação de Feira de Santana está instalada.

A UNIVERSIDADE E A CULTURA FEIRENSE

Ao encaminhar ao Conselho Federal de Educação, em junho de 1986, o Relatório Final da Universidade, no processo do seu reconhecimento global, o Reitor, Dr. José Maria Nunes Marques, o fez preceder desta APRESENTAÇÃO, através da qual a partir da epígrafe constante do processo de autorização, de 1976, transmite a visão do amadurecimento da UEFS, em interação com a comunidade de Feira de Santana.

APRESENTAÇÃO

*AS UNIVERSIDADES DA CAPITAL SEGURAMENTE LABO-
RAM A SUA CULTURA. ESPONTÂNEA E DENSE, A
CULTURA INTERIORANA REPOUSA NUM IMENSO
VAZIO DE REFLEXÃO. A UNIVERSIDADE ESTADUAL
DE FEIRA DE SANTANA DÁ INÍCIO À OCUPAÇÃO DES-
SE VAZIO. (In Razões de uma Instituição – documento básico do pedi-
do de autorização da UEFS-1975).*

A razão fundamental desta Universidade se resume na frase em epígrafe, manifestada em 1975, perante o Colendo Conselho Federal de Educação.

A Universidade, como anseio comunitário, era realmente densa, espontânea e

obstinada manifestação do modo de ser do interior, – talvez nem de todo consciente, talvez instintiva – mas sem dúvida alicerçada na necessidade de vencer o vazio de reflexão em que se isolava, alheia à plenitude e ao progresso. Na crença de que fosse efetivamente necessário justificar a compulsão que levou esta comunidade a construir a sua Universidade, nada a justificaria melhor.

Decorridos dez anos do início da caminhada – árdua e gratificante – de ocupar o imenso vazio de reflexão e pensamento, é o momento de sentir, além e acima das quantificações e dos quadros, que mudança substancial a Universidade determinou na vida destes sertões e na maneira como seu povo vive, trabalha e cria – compondo, cada dia, a razão e a esperança para prosseguir.

A Universidade transforma a região de Feira de Santana por sua presença, por seus graduados, por seus professores, por sua atuação, por seus investimentos, por suas pesquisas e sua ação em serviço, mas, acima de tudo, pela reflexão que tem permitido e estimulado.

Refletir e pensar é o seu fulcro. Na mesma medida em que questiona, ela existe.

A ocupação dos espaços vazios se dá, também, e preponderantemente, através da ação difusa que exerce, na expectativa de conhecer, na perquirição de saber o *como* e o *porquê* das coisas e dos acontecimentos.

Não que o caminho esteja percorrido nem o espaço já pleno. O caminho da Universidade é permanente no seu fluir.

Porém a cultura do interior, nem seu povo, repousam mais em um grande vazio de reflexão.

Este povo é outro. Nesta grande comunidade de 400 000 habitantes, que é a Comercial e Universitária cidade de Feira de Santana, como no campo, nos povoados, no interior sucessivo que se desdobra imenso à borda das cidades, o povo é outro. Sobretudo a juventude. Não é mais o simples e obediente ouvinte. É um povo que deseja saber, compreender, participar, reconhecer-se como pessoa, entre iguais.

Um povo que vê e avalia os benefícios do desenvolvimento, afirmando seu direito de participar dele, ou contestando sua irracionalidade. Perguntando em que consiste, afinal, o bem comum!

A Universidade nasceu, porque a comunidade estava madura para ela. Transformada e realimentada pela reflexão, a comunidade está pronta para uma nova etapa em seu caminho.

A Universidade do interior seguramente, e com maior pureza e autenticidade, labora hoje a sua cultura. (FS,11-6-86).

ACONTECIMENTOS SIGNIFICATIVOS

O ano de 1986 é singular na vida da Universidade Estadual de Feira de Santana.

A UEFS completa dez anos de funcionamento – seu primeiro decênio de vida e

trabalho. Uma visão retrospectiva evidencia que muito foi construído e se obteve a consolidação estrutural da Universidade, a implantação do Campus, e a maturação das ações de ensino, pesquisa e extensão. Este amadurecimento – como é natural – é um processo que só o tempo, a experiência e a reflexão continuada tornarão mais consistente e pleno.

Mas a Universidade é, hoje, um centro de avaliação crítica e formulação intelectual, que contribui para transformar, para melhor, Feira de Santana e a sua região de influência.

O primeiro decênio apresenta um acervo imenso e resume a tarefa gigantesca de ter implantado uma Universidade.

E 1986 foi assinalado por grandes acontecimentos.

O mais importante deles foi a declaração do Reconhecimento Global da Universidade, pelo Conselho Federal de Educação (CFE). Passo final de um longo processo, que se iniciou com a autorização de funcionamento, obtida em 1976, o reconhecimento se constitui no acontecimento mais importante do decênio e no coroamento e consolidação estrutural da Universidade. Formulado perante o Conselho Federal de Educação, em 1984, o processo cumpriu ainda, em 1986, diversos passos. Em janeiro, a Câmara de Educação Superior do CFE determinou diligência para alterações no Estatuto e no Regimento Geral da Universidade. O Conselho Universitário, reunido em 14 de março, após minucioso estudo e debate das sugestões, acolheu integralmente todas as que se fundamentavam em preceito legal e algumas mesmo de caráter apenas opinativo. Reorganizados os instrumentos normativos básicos, foi a diligência, assim atendida, encaminhada ao CFE, em 19 de março. No entanto, no início de abril, extinguiu-se o mandato do Conselheiro ARMANDO DIAS MENDES, Relator do processo. Em maio, o CFE designou a Conselheira ZILMA GOMES PARENTE DE BARROS, nova Relatora. Em seguida, reuniu-se, em Salvador, a Comissão de Acompanhamento, com a Cons. ZILMA BARROS que, a seguir, visitou o Campus da UEFS, inclusive, a nova Biblioteca. Em setembro, o processo é julgado pela Comissão de Universidade do CFE e aprovado. No dia 06 de outubro, o processo vai ao Plenário do Conselho Federal de Educação, onde a Relatora Conselheira ZILMA PARENTE apresenta e sustenta o Parecer, aprovado por unanimidade, com manifestações pessoais de diversos Conselheiros, que assinalam aspectos os mais positivos da Instituição.

Em 19 de dezembro, o Senhor Ministro da Educação, Senador JORGE BORNHAUSEN, assina a Portaria n.874, publicada no Diário Oficial da União, de 22 de dezembro de 1986. Concluiu-se, de tal modo, um longo e trabalhoso processo. A respeito assim se manifestou o Reitor José Maria Nunes Marques: “Alcancei cumprir aquilo que, de tudo, me parecera o mais difícil no programa da Reitoria. E efetivamente era o mais difícil, porque pressupunha a efetivação de uma série de medidas e ações prévias. O grande acontecimento é o ato final de um imenso trabalho de organização e implantação estrutural da Universidade, que tem uma primeira fase crucial entre 1976/1977, no procedimento de implantação da Universidade, cuja Comissão tive o privilégio de presidir, alcança um novo patamar em 1979 e daí

prossegue, através da implantação dos Departamentos e Conselhos Superiores, instalação do processo de reconhecimento, até esse momento, outubro de 1986, quando o Parecer 660/86, do CFE, declara o reconhecimento e a plenitude da Universidade Estadual de Feira de Santana”.

Com o reconhecimento, a UEFS passa a autorizar seus próprios cursos, amplia sua autonomia, e o Sistema Estadual de Educação se investe na competência definida no art. 15 da Lei 4 024/61, que será exercida pelo seu Conselho de Educação.

Também em 1986 se concluem as obras de construção da Biblioteca Central. A Universidade supera a fase das instalações provisórias para sua Biblioteca e ganha um prédio de grande beleza, concebido de acordo com as exigências técnicas e nele instala a sua Biblioteca. Em novembro, ela começa a funcionar, com todo o equipamento necessário e mais, aproximadamente, 4 000 títulos novos no seu acervo. Significa uma grande vitória do Reitor e da comunidade universitária e a superação de um obstáculo no caminho da expansão da Universidade.

Com 3 060 m² de área construída, a nova Biblioteca Central pode abrigar um acervo de 100 000 volumes, e atender uma população discente de até 12 000 estudantes.

A ampliação do elenco de cursos marca, também, o ano de 1986. No Concurso Vestibular de janeiro, foram oferecidas, pela primeira vez, vagas dos cursos de Odontologia e de História, autorizados pelo Conselho Federal de Educação. No final do ano, já declarado o reconhecimento da Universidade, o seu Conselho Universitário autorizou o funcionamento dos cursos de Pedagogia e de Geografia e reestruturou as licenciaturas de Matemática e de Biologia. Assim tivemos, no período de um ano, pouco mais, um acréscimo de quatro cursos novos e a reestruturação de mais dois.

Em agosto, recebemos a visita do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, liderado por seu Presidente, Reitor Raymundo Martins Romeo, e aproximadamente quarenta Reitores de todo o Brasil, que com suas presenças homenagearam a Universidade pelos seus dez anos de funcionamento.

A Biblioteca Central, na ocasião, recebendo os retoques finais, causou profunda impressão nos visitantes, assim como o conjunto, alegre e ordenado, do Campus Universitário.

Entre os Reitores presentes, registramos o Desembargador Murta Ribeiro, da Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro, que pela segunda vez nos visitava.

O Conselho Estadual de Cultura realizou uma reunião plenária no Campus da UEFS, que contou com a presença de alunos, professores e funcionários, para assinalar e registrar os dez anos de funcionamento da Universidade. Falaram, na oportunidade, o escritor Wilson Lins, Presidente do Conselho, o Reitor José Maria Nunes Marques, o Cons. Remy de Souza e o Vice-Reitor Mons. Renato Galvão, que

proferiu a saudação aos visitantes, em nome da UEFS, por delegação do Magnífico Reitor.

À tarde, os ilustres Conselheiros visitaram instituições culturais e foram recebidos pelo Prefeito José Falcão, no Paço Municipal, onde lhes foram dirigidas as homenagens da cidade.

DEPARTAMENTOS – A eleição de diretores

Depois de considerável processo de discussão que envolveu a ADUFS (Associação dos Docentes da Universidade de Feira de Santana), a ASSUEFS (Associação dos Servidores da Universidade Estadual de Feira de Santana), Departamentos e Diretórios Acadêmicos, foram finalmente escolhidos os novos diretores dos Departamentos da UEFS, para o período de 1986-8.

Os eleitos, após o ato de nomeação publicado no Diário Oficial do Estado, de 22 de outubro de 1986, foram empossados, na Reitoria, pelo Magnífico Reitor, no dia 29 daquele mesmo mês:

– Prof^a Maria Zélia Freitas Martins – reeleita pelo Departamento de Letras e Artes.

– Prof^a Neuza Behrmann Estrela – Departamento de Educação.

– Prof^a Creuza Maria Brito Queiroz – Departamento de Saúde.

– Prof. Joaquim Pondé Filho – Departamento de Ciências Biológicas,

– Prof. Nildon Carlos Santos Pitombo – reeleito pelo Departamento de Ciências Exatas.

– Prof. Carlos Pereira Novaes – Departamento de Tecnologia.

ELEIÇÕES PARA A ADUFS

Realizou-se, de 5 a 9 de maio p.p., a eleição para indicar os responsáveis pela Diretoria da ADUFS, durante o biênio 1986-88. Para concorrer ao pleito, apresentou-se uma chapa única, com a seguinte composição:

Presidente – Rita Olivieri

Vice-Presidente – José Carlos Barreto

Primeiro Secretário – Henrique Jorge B. Lyra

Segundo Secretário – Lázaro André O. Barbosa

Primeiro Tesoureiro – Ismar Silva Jesus

Segundo Tesoureiro – Elisete da Silva

Conselho Fiscal – Nildon S. Pitombo, Vicente Deocleciano Moreira e Lúcia Menezes de S. Castro.

Tendo sido aclamada vitoriosa, a equipe assumiu a condução dos trabalhos que devem garantir o funcionamento da Associação, declarando estar disposta a se empenhar na luta em favor dos interesses da comunidade universitária feirense.

PESQUISA EM ANDAMENTO

A implantação de Núcleos de Documentação Histórica e Cultural em escolas de 1º Grau, atendidas pelo Projeto A.C.A. – Acompanhamento, Controle e Avaliação – nas cidades vizinhas a Feira de Santana, Estado da Bahia é o título do projeto de pesquisa técnico-científica encaminhado ao Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana, em maio de 1986, pela autora, Ledna Macêdo Landim, professora de História e Orientadora da mesma área no Programa de Extensão da UEFS.

Esta proposta representa uma contribuição científica no sentido de renovar o ensino da História, com a prática de uma metodologia inovadora em relação ao ensino tradicional. Pretende-se abrir espaço para que a comunidade participe conscientemente, através da escola, do processo de redescoberta de sua identidade cultural e dos mecanismos da produção de sua historiografia. A mobilização da população deverá acontecer em torno da fundação do Núcleo de Documentação. Assim se terá um pólo de atração de coleta de informações e de documentos, que deverão possibilitar a recuperação da memória histórica do grupo comunitário.

A iniciativa também corresponde à necessidade de suprir, a nível educacional, a carência de tais instituições na Bahia. Significa uma tentativa de organizar, sistematicamente, em arquivo, uma ampla tipologia de fontes de caráter regional, para a produção científica: fontes orais, escritas, pictóricas, restos e outras.

Os objetivos gerais que fundamentam o projeto compreendem:

- Resgatar, preservar, sistematizar e divulgar o conhecimento global de comunidades municipais, no passado e no presente, suscitando nos homens a consciência de sua história.
- Estimular, através dessa prática, atitudes de auto-apreciação crítica da evolução histórica do grupo comunitário, suas conquistas e frustrações, suas riquezas e focos de pobreza, refletindo-se no seu patrimônio cultural.
- Elaborar a memória histórica da comunidade.
- Sensibilizar a população no sentido de se discutir uma política de preservação de documentos, que possa garantir o funcionamento do Núcleo de Documentação, gerando pesquisas, conferências, palestras, entrevistas, dramatizações, exposições de fotos, pinturas, gravuras, objetos de valor histórico, artesanato e outras expressões da cultura local, além de divulgação de trabalhos sobre o município. Existem várias formas de devolver à comunidade o conhecimento adquirido durante a pesquisa.

Os fundamentos teóricos da pesquisa estão embasados na linha da Escola de Annales, desde que se fez opção pelo estudo regional, selecionando a evolução histórica de um grupo social a longo ou médio prazo. A análise da vida cotidiana dos homens comuns, que sofrem sobretudo o peso cultural da região, é, neste caso, um pressuposto dos mais importantes, quando a região considerada é o Nordeste Brasileiro. A identidade cultural do universo considerado e as características espaciais da região delimitada permitem utilizar toda a documentação disponível, de uma forma

artesanal.

A metodologia da pesquisa documental consiste na utilização de várias técnicas: a produção de documentos através da História Oral, tais como, depoimentos, histórias de vida, de família, entrevistas temáticas e enquetes de opinião pública; a busca e o levantamento de fontes escritas, através da coleta de doações; a reprodução, o registro, a conservação, a classificação, a catalogação e o arquivamento do material obtido pelo Núcleo de Documentação.

A presença de professores de outras áreas científicas, além de História, num movimento interdisciplinar na escola de 1º Grau, é imprescindível. A produção de documentos que retratem a realidade do município, em dado momento, deverá resultar da contribuição específica de cada área.

A pesquisa está sendo desenvolvida no município de Santa Bárbara, com os professores de três escolas de 1º Grau, considerando-se a experiência como piloto. O universo a ser pesquisado compreende ainda escolas situadas nos municípios de Conceição de Jacupé, Conceição de Feira, São Gonçalo e Amélia Rodrigues, os quais deverão ser atingidos nos próximos dois anos, conforme o cronograma.

A ZOOLOGIA DE ARISTÓTELES

O Professor Orlando Bastos de Menezes, Assistente de Zoologia da UEFS, está concluindo a elaboração de um livro sob o título acima, no qual pretende divulgar os ensinamentos do tratado *História Animalium*, do sábio grego, falecido no ano 322 a.C., tratado que é a base da ciência zoológica fundada pelo célebre estagirita.

Para tanto, além de se servir de uma edição inglesa de *História Animalium*, em 10 livros, publicada em 1862 e existente no rico acervo da Biblioteca Central do Estado, em Salvador, o Professor Orlando Menezes fez extensas consultas bibliográficas em nove bibliotecas da Bahia e de outros estados, como: Biblioteca da UEFS, Central do Estado, em Salvador, e do Instituto de Biologia, na capital e da Escola de Agronomia de Cruz das Almas, ambas as instituições pertencentes à UFBA; no Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Santa Úrsula e do Instituto Osvaldo Cruz (Fundação); em São Paulo, Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

Durante dois anos, o Prof. Orlando Menezes consultou obras no total de 234, inclusive 19 histórias da Grécia, tendo feito anotações que alcançaram 804 páginas, a partir das quais deu início à feitura do livro. Nesta fase, mais algumas dezenas de livros foram consultadas, para se documentar os comentários feitos a propósito de afirmativas de Aristóteles. Para elucidação de dúvidas não esclarecidas através da leitura das obras consultadas, quanto a um capítulo referente à apicultura, o Prof. Menezes manteve correspondência com um cientista inglês, que leciona na Universidade de Brasília, o Prof. Anthony Raw, PhD pela Universidade de "West Indias", na Jamaica, com a tese *Estudo sobre abelhas das regiões tropicais e temperadas*.

O Prefácio do livro será feito pelo Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ex-Diretor do Museu Nacional e do Museu Emílio Goeldi, no

Pará, José Cândido de Melo Carvalho, PhD pela Universidade de Ames, nos Estados Unidos. O Prof. Carvalho é autor de 483 trabalhos sobre Zoologia e, em sua homenagem, foram dados nomes a 8 gêneros e a 42 espécies animais.

A *Zoologia de Aristóteles* será editado pela UEFS, possivelmente, este ano, como parte das comemorações do 10º aniversário da Universidade e seu conteúdo está dividido em uma Introdução e em cinco Capítulos, assim intitulados:

Introdução-Aristóteles e a sua obra:

1 – Traços biográficos

2 – Apreciações sobre o complexo aristotélico

Capítulo I – *A História Animalium*

Capítulo II – O Primeiro Tratado de Veterinária

Capítulo III – O Primeiro Tratado de Reprodução Humana

Capítulo IV – O Primeiro Tratado de Apicultura

Capítulo V – O Primeiro Tratado de Zoologia

SITIENTIBUS NO CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

Em sessão de 11 de junho de 1983, foi apresentada no CEC-Ba uma moção, assinada pelo Conselheiro Germano Machado, onde ele se refere à Revista da Universidade Estadual de Feira de Santana – *Sitientibus* – conferindo-lhe destaque entre as revistas de cultura da Bahia, “pelo seu conteúdo voltado para os altos padrões da inteligência e do espírito e pela sua face externa que apresenta equilíbrio e modernismo”. Ao tempo em que homenageia a Universidade, através dos participantes e dos responsáveis pela Revista, o Conselheiro se firma em nome da coordenação do periódico que, com cuidado e perseverança, vem garantindo a sua saída.

A moção foi enviada à UEFS pelo Presidente do Conselho, o escritor Wilson Lins.

PROGRAMA INTERUNIVERSITÁRIO PARA DISTRIBUIÇÃO DO LIVRO (PIDL)

Surgido em 1982, por iniciativa de algumas universidades nordestinas, devido a problemas ligados à comercialização do livro universitário, o PIDL conta, no momento, com cerca de cinquenta integrantes. Apresentando, não obstante algumas dificuldades, resultados bastante satisfatórios, o PIDL “... é capaz de criar uma nova mentalidade no âmbito das Universidades, entre escritores, professores, editores, alunos... no que se refere à produção, publicação e divulgação de títulos.” Sendo, atualmente, um programa aberto, o PIDL admite a participação de editoras não-universitárias, bastando, para isso, que essas aceitem as normas do programa. Está-se, por exemplo, em fase de entendimento para a comercialização, na UEFS, de obras russas distribuídas pela Editora Praxis.

Pode-se afirmar, sem rodeios, e com satisfação muita, que o PIDL é de suma importância em Feira de Santana onde, principalmente a comunidade universitária –

alunos, professores, administradores e funcionários – vem dando seu aval, para garantir a permanência do programa no Campus. O acesso constante à Livraria tem feito daquele local um ponto de encontro em que as pessoas batem papo, trocam idéias, adquirem o que lhes interessa e, sobretudo, se empenham em sugerir novas aquisições que se acrescem às indicadas via Departamentos. Com isso, o estoque – livros, discos, revistas, álbuns, dentre outros materiais ali encontrados – sofre constantes revisões e acréscimos, na tentativa de atender à constante demanda. Entende-se que o PIDL seja, em Feira de Santana, uma maneira, também, de se *Fazer Universidade* – fazer crescer as consciências, espalhar o conhecimento, reunir pessoas, buscando contribuir para a reumanização do espaço universitário.

Em que pese não existir ainda na UEFS uma editora, o programa foi trazido para essa cidade, através de um projeto de implantação da autoria do professor e poeta Raymundo Luiz Lopes, surgindo assim a Livraria Interuniversitária do PIDL, inaugurada, no ano passado, durante a Jornada Universitária, fato que contou, inclusive, com a presença do Coordenador nacional do Programa, Prof. Ailton Sampaio. Hoje, a Livraria, em pleno funcionamento, possui um acervo de cerca de mais de 1 000 títulos, das seguintes instituições: UnB, FUNARTE, UFBA, UCS, UFRGS, UNIJUI, FURG, UFAL, UFPE, FASA, UFF, UFMG, UFPB, UFU, UFSC, UFPA, CASA SRI AUROBINDO, CEFET/PR, USP/ ECA, UNICAMP, FUF/PR, PUC/SP, UFRN, UFMA. Ao lado disso, são comercializados e divulgados trabalhos do pessoal da casa (da DVU, do Grupo de Metodologia, do Prof. Orlando Menezes, da aluna Luciana de Castro e de pessoas ligadas a Feira de Santana (Prof^ª. Giselda Morais, o escritor Juarez Bahia, entre outros. A livraria está comercializando o livro *História em Quadrinhos* que conta com a participação da Prof^ª Maria de Fátima Hanaque Campos do Dep. de CHF).

Funcionando no Campus Universitário da UEFS – BR.116-Km 3 – FS/BA – 44 100 – Tel.224.1521, a Livraria do PIDL atende em dois turnos – matutino e vespertino. Está sendo reivindicado o seu funcionamento pelo pessoal do noturno, e providências vêm sendo encaminhadas no sentido de concretizá-lo.

SIMPÓSIO EMILY DICKINSON

Comemorando a passagem do primeiro centenário da morte de Emily Dickinson (1830-1886), o Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, através de seu Departamento de Letras Germânicas, promove este ano de 1986, de 24 a 28 de novembro, um simpósio nacional para o estudo da vida e da obra daquela que, juntamente com Walt Whitman (1819-1892), representa o momento mais significativo da lírica americana do Século XIX e o lançamento das mais produtivas sementes para o frutificar da poesia dos Estados Unidos no Século XX. E não será exagero dizer-se que essa influência atravessa fronteiras e deita raízes em variadas partes do mundo literário.

O simpósio em questão tem o co-patrocinio da USIS, da Casa Thomas Jeffer-

son, da Comissão Fulbright e da Associação Cultural Brasil Estados Unidos.

Segundo nos informa o Professor Luiz Angélico da Costa, Titular de Língua e Literatura de Língua Inglesa da UFB², também professor contratado da UEFS, abre-se o Simpósio com um painel sobre "a vida e a obra de Emily Dickinson: suas cartas e seus poemas". Participam do mesmo os professores George Monteiro, da Brown University (vindo dos Estados Unidos especialmente para participar do evento) Carlos Daghlían, da UNESP, campus de São José do Rio Preto, Sigrid Renaux, da Universidade Federal do Paraná, Luiz Angélico da Costa, da UFB² e Letícia Tavares Cavalcanti, da Universidade Federal da Paraíba. Cada um dos membros do painel apresenta um aspecto característico da vida e/ou da obra de Dickinson, relacionado em particular com suas cartas e seus poemas, estendendo-se a discussão posteriormente a todos os participantes.

Durante os cinco dias do Simpósio, haverá 04 conferências principais (pelos professores George Monteiro, Carlos Daghlían, Terry Caesar (Professor Fulbright na UFRJ) e novamente pelo Dr. George Monteiro. Estas conferências devem ter a duração de 40 a 50 minutos, sendo seguidas de sessões de perguntas e respostas. Além das conferências, haverá doze comunicações versando temas variados em torno da vida/obra de Emily Dickinson, desde aspectos mais gerais como a conceituação discursiva e analítica da poesia de Dickinson como uma poesia "moderna" ou sua análise e interpretação como "A poesia metafísica de Emily Dickinson" (por Edson Miranda dos Santos, UEFS, até particularização do tipo "Emilydiction: Dickinson and Diction" (por Thomas L. Burns, UFMG) ou "Eccentricities in Emily Dickinson's Nature Poetry" (por Maria Odirene Almeida, UFCE).

O Simpósio conta com a exibição de três filmes sobre a vida e a obra da grande poeta e audição de fitas gravadas de seus poemas e suas cartas pela atriz Julie Harris, que criou o papel título da peça "The Belle of Amherst", recriada no Brasil por Elizabeth Segall, com o título "Emily".

Uma atividade sui-generis do Simpósio é o evento "Tributo a Emily Dickinson" em duas sessões, durante uma das quais Helena Alvim Ameno e Osvaldo Eustáquio de Melo (Divinópolis, MG) dramatizam cartas e poemas de Emily Dickinson, com efeitos teatrais. Na outra sessão, "Tributo a Emily Dickinson II", poetas e intelectuais prestam homenagem recitando poemas de sua autoria ou traduções suas de poemas de Emily ou breves pronunciamentos outros em louvor de E.D., tal como Evandro Barreto (UEFS), com seu "Poema XCIX", Carlos Daghlían (UNESP), "Emily ao Modo de Emily" ou Luiz Angélico da Costa (UFB²/UEFS), "Manuel Bandeira Tradutor de Emily Dickinson".

Aila de Oliveira Gomes (Emily Dickinson: uma centena de poemas, Editora USP, 1985) comparece (mesmo à distância) com o trabalho "Algumas traduções de Emily Dickinson", a ser lido numa das sessões "Tributo" pelo Presidente da Comissão Organizadora do Simpósio.

O Simpósio tem atividades em Língua Portuguesa e em Língua Inglesa.

MANUEL BANDEIRA, UMA VIDA PELA POESIA

MANUEL CARNEIRO DE SOUSA BANDEIRA FILHO (Recife, 1986 – Rio, 1968) é o nome completo do poeta Manuel Bandeira cuja vida dedicou ao ofício de escrever: poesia, crônica literária, traduções e obras didáticas de nível superior. A inclinação pela Arquitetura levou-o a matricular-se no curso de engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica: “No fim do ano letivo adoecei e tive de abandonar os estudos, sem saber que os versos que eu fizera menino por divertimento, principiaria então a fazê-los por necessidade, por fatalidade”. Sua obra, caracterizada por um lirismo confidencial, auto-irônico, é a história de sua existência. A sua ida à Suíça, em 1912, para tratamento da tuberculose que o perseguia, permitiu-lhe contatar com o melhor da poesia simbolista francesa cuja influência demonstra em alguns de seus versos, principalmente do seu livro de estreia – CINZA DAS HORAS (1917).

Assim como o desenho, a música tem grande influência na sensibilidade do poeta que, acerca de *Debussy*, composição presente em CARNAVAL (1919), declara: “O famoso Opus 9 era uma das músicas de minha preferência. Imaginei fazer qualquer coisa do mesmo gênero em poesia” e mais adiante: “O meu *carnaval* começava ruidosamente, como o de Schumann, mas foi-me saindo tão triste e mofino, que em vez de acabar com uma galharda marcha contra filisteus, terminou chochamente *not whit a bang but a whimper*.” Essa foi uma obra muito apreciada pela geração de São Paulo que, naquele ano de sua publicação, iniciava a revolução modernista. *Os Sapos*, poema satírico que aí figura, foi declamado com muita veleidade na Semana de Arte Moderna. A libertação estética do vate, nos planos técnico e temático, quando da sua integração ao Modernismo, revela o seu grande pendor poético, vindo a tornar-se um dos melhores do versilibrismo em português, na opinião de alguns críticos. As influências sofridas não obscurecem a espontaneidade e o cunho pessoal marcantes na obra que compôs.

RITMO DISSOLUTO (1924) é considerado pelo autor como um livro de transição, pois que significa: “afinação poética dentro da qual cheguei tanto nos versos livres como nos versos metrificados e rimados isso do ponto de vista da forma; e na expressão das minhas idéias e dos meus sentimentos, do ponto de vista do fundo, a completa liberdade de movimentos...”. LIBERTINAGEM, dentre seus livros, é o que mais se enquadra na estética modernista. Aí o seu poema predileto, *Vou-me embora p’ra Pasárgada* – “Gosto desse poema porque vejo nele, em escorço, toda a minha vida; e também porque parece que nele soube transmitir a tantas outras pessoas a visão e promessa da minha adolescência – essa Pasárgada onde podemos viver pelo sonho o que a vida madrasta não nos quis dar”.

Aos 50 anos de idade, publica ESTRELA DA MANHÃ, título inspirado pela visão que tivera de Vênus numa viagem, numa noite fechada – a viagem mais bonita que fez em sua vida. Candidato à Academia, preparou uma edição de seus versos, então esgotados, aos quais foram acrescentadas novas produções sob o título LIRA DOS CINQUENT’ANOS. Alguns poemas foram o resultado de sua atividade de professor de Literatura no Colégio Pedro II. A leitura dos cancionários permitiu-lhe

o conhecimento das cantigas paralelísticas e, inclusive, compôs *Cantar de Amor à maneira de D. Diniz*. O poema *A última Canção do Beco*, segundo ele próprio, é a composição que melhor exemplifica que a poesia para Bandeira é resultado de um processo de intuição: “De repente a emoção se ritmou em redondilhas...”

Muitas obras poderiam ser apreciadas aqui para exemplificar a riqueza da produção escrita legada por aquele que se disse poeta menor mas que continua, cem anos depois do seu nascimento, ocupando entre nós lugar destinado àqueles de melhor desempenho na arte da palavra – arte através da qual demonstrou sua arte de viver – CONSOADA:

Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez sorria ou diga:
– Alô, iniludível!
O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com os seus sortilégios).
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
a mesa posta,
Cada coisa em seu lugar.

Muito justas as homenagens prestadas, em todo o país, ao grande poeta pela passagem do seu centenário de nascimento, fadado, como se constatou, para a poesia.

A UEFS, através do seu Departamento de Letras e Artes (Grupo de Literatura) e da Revista *Sitientibus*, realizou um ciclo de palestras, no primeiro semestre deste ano, no Campus, em torno da vida e obra do famoso viajante de Pasárgada. Os professores e escritores Evandro Barrêto, Raymundo Luiz Lopes e Dival Pitombo fizeram, respectivamente, as seguintes exposições: “Passeando em Pasárgada com Manuel Bandeira”, “Uma Leitura de Manuel Bandeira – a questão da vida e da obra” e “Manuel Bandeira e a Bahia”.

LORCA, O GRANDE POETA ANDALUZ

“Vergonha de há tanto tempo
viveres – se morte é vida –
sob chão onde esporas tinem
e calcam a mais fina grama
e o pensamento mais fino
de amor, de justiça, e paz.”

C.D.ANDRADE

1986 marca, também, o cinquentenário da morte de FEDERICO GARCÍA

LORCA, poeta e dramaturgo espanhol, nascido a 5 de junho de 1898 em Fuente Vaqueros, na província de Granada. Estudou filosofia, letras e direito. Dedicando-se à música, tornou-se um exímio tocador de piano e de guitarra. O exercício de atividades literárias conferiu-lhe notoriedade e fama. Integrava com – entre outros, Vicente Aleixandre – Prêmio Nobel – a cognominada “geração de 27” cujo processo de revivificação da cultura espanhola foi interrompido pela guerra civil. Logo que teve início o golpe militar espanhol, Lorca refugiou-se num sítio onde foi encontrado por tropas franquistas e sumariamente fuzilado – haviam-no denunciado como republicano e anticlerical.

Grande parte da poesia e da produção teatral lorquiana está ligada ao folclore andaluz que ele tão bem soube combinar com o cultismo precioso e elíptico de Gôngora e os elementos surrealistas da poesia européia de seu tempo. *Canciones*, *Romancero Gitano*, *Poeta del Cante Jondo*, dentre outros, revelam-no, no dizer de Manuel Bandeira, o intérprete por excelência da alma andaluza. Em *Bodas de Sangre* (1933) e *Yerma* (1934), o intenso conteúdo poético que caracteriza sua composição dramática. A essas peças junta-se *La Casa de Bernarda Alba*, publicada postumamente – 1940 – para formar a trilogia de peças folclóricas que representam tragédias da vida popular.

Morto com apenas 38 anos, em 1936, García Lorca deixou uma obra, traduzida para todas as línguas, que o imortalizou.

SIMÕES FILHO – CENTENÁRIO DE NASCIMENTO

A 4 de outubro de 1886, nascia, na cidade de Cachoeira, Ernesto Simões Filho, o criador e consolidador de *A Tarde*, órgão da imprensa baiana que ele constituiu “a custa de perseverança, capacidade de organização, inteligência, espírito público, sensibilidade, intrepidez para o jornalismo e para as lutas”, nas palavras do seu amigo de juventude Octávio Mangabeira. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade Livre de Direito da Bahia, contudo, teve sua vida devotada ao Jornalismo – “Tendo sabido fundar um jornal genuinamente baiano, isto é, integrado desde o início no espírito do seu povo, nele soube sustentar, com desassombro e espírito público, as mais elevadas campanhas cívicas e sociais” no dizer de Jayme de Sá Menezes. (*A Tarde*, edição comemorativa – 4/10/86).

Como Ministro de Estado, político, parlamentar, no desempenho de qualquer função, o seu empenho sempre se desenvolveu no sentido de promover politicamente o seu estado natal. À frente do Ministério da Educação e Saúde, em 1951, os baianos Péricles Madureira de Pinho e Anísio Teixeira respondem, respectivamente, pela chefia de gabinete e pela direção da Capes, sendo que este último ocuparia mais tarde a direção do INEP. Ainda pela sua indicação é que Eugênio Gomes respondeu pela direção da Biblioteca Nacional.

Simões Filho participou de grandes campanhas em favor do autonomismo baiano. Morreu, sem a satisfação de governar a Bahia que ele desejava eterna, cada vez maior, mais respeitada e mais próspera, ainda repetindo palavras de Jayme de Sá

Menezes.

Ora pelo transcurso do centenário do seu nascimento, o Brasil, a Bahia, o jornal A Tarde, este através de um caderno especial, prestam as devidas homenagens ao ilustre cachoeirano.

PEDRO CALMON

Este baiano ilustre, que por tantos anos enobreceu sua terra, projetou-a por sua inteligência no cenário nacional e no mundo. Integra com o maior destaque, a galeria dos grandes brasileiros que alimentaram a tradição de cultura da Bahia. Nascido na cidade de Amargosa (BA), em 23 de dezembro de 1902, desde cedo evidenciou os dotes excepcionais de talento que o levaram a ocupar os lugares mais proeminentes na vida cultural do país.

Advogado, político, professor de Direito, Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ministro da Educação, membro do Conselho Federal de Cultura e da Academia Brasileira de Letras, foi sobretudo o historiador consciencioso, o pesquisador incansável da nossa História, para a qual contribuiu com um acervo de obras que, por si só, constitui uma biblioteca indispensável aos estudiosos do nosso passado.

Orador dos mais brilhantes que o Brasil conheceu, deslumbrava os ouvintes com a fulguração de sua palavra tocada pela centelha da genialidade.

A sua projeção internacional proporcionou-lhe um número incalculável de honrarias e condecorações, que evidenciaram o reconhecimento do seu valor como figura do mais elevado conceito no mundo cultural, particularmente de civilização ibérica.

Ao par desses predicados, a singular personalidade de Pedro Calmon distinguia-se, ainda, pela finura de uma educação esmerada que o tornava um cavalheiro perfeito e uma pessoa humana admirável, sobretudo pela simplicidade.

Uma constante na trajetória desta vida tão brilhante foi o seu amor à Bahia, comprovado em todas as fases da sua existência. Seu desaparecimento em 17 de junho de 1985 consternou não apenas o mundo intelectual, mas a todos aqueles que o veneravam e o respeitavam.

Dentre suas inúmeras obras, podem-se citar: *História da Bahia*, *História da Casa da Torre*, *História da Civilização Brasileira*, *História Social do Brasil* (3 vols.), *História da Independência do Brasil*, *A Bala de Ouro*, *Castro Alves – O Homem e a Obra*, *Literatura Histórica e Direito*, *Curso de Direito Público*, *Malês*, *A Insurreição das Senzalas*, *História da Literatura Baiana*, *História do Brasil na Poesia do Povo*.

LIVROS

1. *EDUCAÇÃO, IDEOLOGIA E CONTRA-IDEOLOGIA*, publicado pela E.P.U. – Editora Pedagógica e Universitária Ltda. – São Paulo, 1986, da autoria de

Antônio Joaquim Severino, Bacharel e Mestre em Filosofia, pela Universidade Católica de Louvain – Bélgica; Doutor em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Faz parte da *COLEÇÃO TEMAS BÁSICOS DE EDUCAÇÃO E ENSINO* que se propõe a subsidiar a ação dos educadores que atuam junto a escolas de 1º e 2º graus – a nível da educação pré-escolar, da educação especial, do ensino supletivo e da administração dos sistemas de ensino – servindo, também, aos professores dos cursos superiores de Pedagogia e das matérias pedagógicas referentes à preparação de professores de 1º e 2º graus e de especialistas em educação.

Dentro dessa perspectiva, na nota introdutória à obra intitulada *Discurso pedagógico, discurso ideológico e discurso filosófico*, o Autor assim se expressa: “... este é um texto de finalidade intencionalmente didática, propondo subsídios para o desenvolvimento de uma reflexão no âmbito da filosofia da educação. Dirigido aos educadores, de modo particular aos atuais docentes de 1º e 2º graus, bem como àqueles que se preparam para tal função nos cursos de Magistério, Licenciatura e Pedagogia, pretende contribuir para que entendam o sentido de sua própria prática, no âmbito da totalidade do processo social global, ajudando a explicitar essa prática através da teoria. Daí a apresentação de categorias teóricas e a retomada dos dados históricos concernentes à educação brasileira”.

Compõe-se de 3 partes, constituídas de capítulos que abordam assuntos relativos aos títulos que as encabeçam: PARTE I – IDEOLOGIA: CATEGORIA EXPLICATIVA DO CONHECIMENTO HUMANO; PARTE II – IDEOLOGIA E EDUCAÇÃO; PARTE III – A SIGNIFICAÇÃO IDEOLÓGICA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA EM SEU DESDOBRAMENTO HISTÓRICO-SOCIAL.

Em seguida a essas partes, tem-se uma conclusão – O ESPAÇO DE CONTRADIÇÃO DA EDUCAÇÃO E SUA FORÇA TRANSFORMADORA onde se enfatiza: “Mas não basta desenvolver uma crítica filosófica das ideologias, por mais radical e rigorosa que seja. É preciso ainda agir. Educação pressupõe ação contínua”. Mais adiante: “A práxis dos educadores, se fundada em e coerente com uma visão crítica da realidade social, se desenvolvida com vistas a objetivos político-educacionais relacionados com os interesses reais da universalidade da população despossuída e, finalmente, se instrumentada, com o saber competente, poderá contribuir efetivamente para a transformação social e conseqüentemente, para a construção, no Brasil, de uma sociedade mais justa”.

No livro ainda constam um rol de LEITURAS SUGERIDAS e uma BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.

2. *FAZER UNIVERSIDADE: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA*, já em 3ª edição, publicado pela Cortez Editora – S. Paulo, da autoria de Cipriano Carlos Luckesi (paulista), Elói Barreto de Jesus (sergipano), José Cosma (italiano) e Naidison Q. Baptista (baiano), professores de Metodologia do Trabalho Científico na Universidade Estadual de Feira de Santana.

Na orelha do livro, o objetivo de seus autores: “Apresentar uma *proposta metodológica de construção da universidade*, naquilo que ela tem de essencial em sua

natureza, ou seja, a elaboração de consciência crítica e a produção e transmissão de conhecimentos – eis a pretensão!”

Apresenta PREFÁCIO, INTRODUÇÃO para, em seguida, desenvolver-se em quatro partes, compreendendo capítulos que tratam de assuntos relativos a cada uma delas: I. FAZER UNIVERSIDADE – UMA DENÚNCIA E UMA ASPIRAÇÃO; II. PRODUÇÃO E TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO COMO FORMA DE FAZER UNIVERSIDADE; III. A APREENSÃO DO CONHECIMENTO COMO INSTRUMENTO DO FAZER UNIVERSIDADE; IV. EXPRESSÃO DO CONHECIMENTO COMO MODO DE FAZER UNIVERSIDADE. Consta ainda de uma CONCLUSÃO onde se lê: “entendemos *Metodologia do Trabalho Científico* como um instrumento de trabalho no “fazer a universidade” e não só uma disciplina que... “passa”. Ela é um mecanismo pelo qual se deve aprender a denunciar o falso e a anunciar o verdadeiro. Ela, para nós, é o instrumento pelo qual podemos, professores e alunos, adquirir os mecanismos de nos engajarmos nesta luta: entendimento claro da realidade, raciocínio claro, ação conseqüente, exigências de humildade, prova, firmeza, questionamento...”

Finalmente, um APÊNDICE, dividido em partes e temas onde se faz a descrição da prática pedagógica vivenciada pelos autores no seu campo de trabalho – Universidade Estadual de Feira de Santana. Aí se aborda: 1. A Universidade e seu significado; 2. Leitura crítica como instrumento de fazer universidade; 3. A produção e expressão do conhecimento como instrumento de fazer universidade; 4. O processo de avaliação.

Na conclusão final, reportam-se às dificuldades que impedem seja a prática descrita, de maior eficiência. Oportunamente, propõem uma definição mais ampla de Universidade e de sua política educacional.

Segundo seus autores, o livro vem tendo plena aceitação, sendo adotado em algumas universidades brasileiras, afora a universidade de onde procede.

3. *SETEMBRO NA FEIRA*. Este é mais um livro que vem confirmar que o romance brasileiro não morreu. Publicado, este ano, pela Editora Nova Fronteira, com 230 páginas, *Setembro na Feira*, é de autoria do feirense Juarez Bahia, hoje radicado no Rio de Janeiro, onde não se limita somente aos seus afazeres de Editor Administrativo do Jornal do Brasil. A ficção é outra sua paixão. O enredo tem como figuras principais dois adolescentes – Florêncio e Adélia – que se amam e lutam pelos seus objetivos, enfrentando muitos dissabores. Simples é o amor e simples e bela a maneira de como transmitir o sentimento deles através de determinados diálogos: “Entravam e saíam da água, brincadeiras. Por uma vez entram e ficam, havia então água bastante no Jacuípe e eles ficam a boiar, como se estivessem adormecidos, depois dão um mergulho e emergem ainda colados, abraçados./ – Eu morreria agora feliz – confessa Florêncio./ – Oh, Flô, não me fale da morte – pede Adélia./ – Mas, a morte é tão inseparável de nós quanto a vida./ – Sim – concorda Adélia –, e seria lindo morrer feliz./ – Lindo é morrer amando, é mais bonito do que morrer no rio – diz Florêncio, quase a sussurrar.” Pois bem, “em *Setembro na Feira*, Florêncio e

Adélia são dois adolescentes que descobrem o amor na década de 40: época marcada pela adesão brasileira à frente aliada na Segunda Guerra Mundial e pelo fim da ditadura getulista". E Antônio Carlos Villaça, apresentador da obra, é quem diz muito bem: "O homem e o cenário se completam. As personagens se integram no grupo social. No espaço da cena, o elemento social e ação episódica se equilibram e nos dão um romance forte e humano". Livro de um feirense, a ação se passa na Feira de Santana de ontem, e o mesmo Villaça nos diz: "Juarez Bahia resolveu de repente ressuscitar camadas de baianidade que estavam dentro dele, romancista. E pediam expressão".

O livro pode ser encontrado em várias livrarias brasileiras e, como não podia deixar de ser, encontra-se, também, na nossa Livraria Interuniversitária da UEFS-PIDL, Campus – BR. 116. Km-3. Feira de Santana-Ba.

4. *METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO*, já em 13ª edição, obra pertencente à Coleção Educação Contemporânea, Série: Metodologia e Prática de Ensino, São Paulo, Cortez Editora, 1986, da autoria do professor Antônio Joaquim Severino, da UCSP, vem cumprindo o seu objetivo principal, conforme seu autor, de "ser um instrumento adequado de apoio ao trabalho científico na universidade".

Sem supor que a instrumentação metodológica e didática venha ser o cerne da problemática educacional brasileira, o autor se coloca em defesa da metodologia como "instrumental extremamente útil e seguro para a gestão de uma postura amadurecida frente aos problemas científicos, políticos e filosóficos que nossa educação universitária enfrenta". Sugere ao estudante universitário uma postura de auto-atividade didática para a qual ele precisa formar a sua biblioteca pessoal – especializada e qualificada. Após essa consideração, passa a apresentar uma relação de revistas, dicionários especializados, bibliografias e catálogos, entre os quais o aluno deverá selecionar, tendo em vista a sua especialização. No cap.I, item 2, "ênfase especial é dada às revistas, cujo uso mais sistemático e intensivo precisa ser instaurado no meio universitário". A revista *SITIENTIBUS* é então citada, conforme se pode verificar, na p.35:

"Revista multidisciplinar destinada a divulgar a produção da comunidade universitária, no campo das ciências, das letras e das artes. Em cada número, estar-se-á homenageando um representante das artes plásticas. Publica artigos, palestras, comunicações, relatos de experiências, notícias, comentários e resenhas."